

Agora a luta é pelas suplências

24

MARBA FURTADO

O plenário e os gabinetes da Câmara dos Deputados se mantêm praticamente vazios desde o último dia 5, quando a promulgação da Constituição liberou os parlamentares para uma atuação maciça em suas bases. Mesmo assim enquanto ajudam nas campanhas das eleições municipais, vários deputados cuidam de garantir apoio a seus próprios nomes para um dos cargos e às quatro suplências da mesa diretora da Casa. A luta é silenciosa, através de telefonemas diretos aos companheiros de bancadas, apelos por cartas ou telegramas, a ponto de não se evidenciar como acontece com a concorrência à presidência da mesa. A campanha, porém, já está em curso, apesar da eleição só acontecer nos primeiros dias de fevereiro do próximo ano.

Além das alterações políticas impostas à atuação da mesa pela nova Constituição — o Congresso Nacional retoma suas prerrogativas e deve contar com uma mesa diretora menos poderosa para permitir a democracia no processo legislativo — a primeira eleição sob os dispo-

sitivos da Carta de 88 enfrenta novidades na composição partidária que obrigará a um novo acordo de lideranças para a redistribuição dos cargos. Até este ano, a divisão era polarizada pelos dois partidos majoritários na Casa, PMDB e PFL. Na disputa, agora, entra a bancada do PSDB, com seus 41 deputados, a quem deve caber pelo menos uma vaga da 1ª à 4ª Secretaria, pois a presidência e as vice-presidências continuam com os peemedebistas e pefelistas.

Como terceiro partido em número de parlamentares, o PSDB já cuidou de alertar ao presidente da Câmara, deputado Ulysses Guimarães, e ao líder do PMDB, deputado Ibsen Pinheiro, que pretende participar da composição da mesa. A deputada Maria de Lourdes Abadia, que responde pela liderança dos tucanos enquanto Pimenta da Veiga trabalha pela eleição municipal em Belo Horizonte, adiantou que foi feita uma proposta de que nesta disputa seja reservada a 1ª Secretaria e, se possível, uma suplência ao PSDB. O partido é ainda favorável a que cada bancada eleja com antecedência

seus candidatos para que não haja "concorrências de última hora".

Pelo número de postulantes a cada cargo, dentro de uma mesma bancada, a primeira indicação é a de que o processo será tumultuado, embora o quadro possa se definir após as eleições municipais e com a intensificação do trabalho particular de cada candidato a candidato. A 1ª vice-presidência, que na distribuição informal de cargos cabe ao PFL, está sendo disputada de forma a revelar divergências internas da bancada. De um lado, o vice-líder Inocêncio Oliveira (PE), apoiado pelo líder José Lourenço (BA); de outro, Humberto Souto (MG), que se diz prejudicado pela liderança. Entre os dois postulantes, Leur Lomanto (BA). A campanha dos três candidatos se desenrola da mesma forma silenciosa. Souto, que já ocupou a 1ª vice na legislatura 85-86, afirma estar sendo impulsionado pelos companheiros a reasumir o cargo.

O PMDB parte para a briga com quatro postulantes à 2ª vice-presidência: José Costa (AL), Márcio Braga (RJ), Wilson Cam-

pos (MG) e Theodoro Mendes (SP). O candidato alagoano está disposto a lutar até o fim para obter a indicação do partido e, se depender de sua permanência na Câmara enquanto os outros aproveitam o **recesso branco** em suas bases, ele já ganhou a eleição. A forma utilizada para pedir apoio dos companheiros é a mesma de todos: telefonemas e cartas.

A 2ª Secretaria vem sendo disputada também silenciosamente pelos pefelistas Rita Furtado (RO) e Edme Tavares (PB), que trabalham junto à liderança do partido e aos demais membros da bancada para conseguirem apoio as suas candidaturas. Como os líderes ainda não se reuniram para fechar um novo acordo sobre a redistribuição de cargos — isto só deve acontecer depois das eleições municipais — a luta se concentra nestes três cargos que devem ficar mesmo com o PMDB e o PFL. Pela Constituição, fica assegurada, "tanto quanto possível, a representação proporcional dos partidos ou blocos parlamentares que participam da respectiva Casa", para compor a mesa.